

A viagem de duas horas até Rancagua (os rumores estavam corretos), acorrentado no camburão, foi sem incidentes. John pôde levar três malas, em vez das duas normais: um saco de viagem, uma mochila e um saco de lixo preto cheio de roupas, travesseiros, roupas de cama, medicamentos, aparelho de pressão, barbeador elétrico, artigos de higiene, Bíblia, *The Road to Serfdom* (1944) de Hayek, seu livro *Llevando la Cruz*, papel, canetas e uma prancheta. Todo seu conforto material ficou para trás: forno elétrico, chaleira elétrica, balde de banho (tarifón), aquecedor, celular, cadeiras, a maioria dos utensílios plásticos e sua comida restante. Teve dificuldade de carregar as malas até a área de embarque perto da estatística, parando três vezes no caminho, e foi examinado pelo atendente da enfermaria. Os dois pacos o tratavam bem em geral, mas jogaram tudo no chão em frente à cela segura e confiscaram suas duas facas de cozinha (uma de legumes e uma de carne). Um deles o incomodou por ter 160.000 pesos, alegando que só 20.000—e não 115.000 (ou dois UTM chilenos)—poderiam ser levados por visitantes. Ele estava errado, mas mesmo assim deixou John seguir com o dinheiro. Mas, em Rancagua, os pacos pegaram 130.000 e deixaram John com 30.000 e sem moedas para o telefone público. Assim, não pôde ligar para Pamela no dia seguinte. Nenhum gendarme chamaria a esposa ou amigos. A equipe da noite que o recebeu em Rancagua, principalmente o Suboficial Vidal, lembrava o caso de John e todos se tornaram rapidamente fãs de seu anticomunismo. Mas esse apoio pouco fez para suavizar o inferno que John enfrentaria. Deram-lhe um carrinho para levar suas coisas ao módulo de quarentena 45—cheio de filas de celas vazias com banheiros entupidos de fezes que frequentemente não escoavam. Poucas celas tinham iluminação à noite, e nenhuma tinha tomada funcionando. Eram masmorras modernas. Os pacos deixaram que John encontrasse um pedaço inteiro de espuma grossa e o colocasse na cama de concreto. Deram-lhe xampu, pasta, escova de dentes e sabonete, mas nada de comida ou água. Um pedaço de pão e uma xícara de chá apareceriam na manhã seguinte. Chamavam aquilo de “café da manhã” porque um pouco de maionese era colocado dentro do pão. A pia desabou, causando problemas de água no dia seguinte. O mozo e os pacos encontraram outra cela para John com uma pia que gotejava água, mas o vaso não escoava, acumulando urina e fezes. Para sobreviver, John começou a jogar lixo e papel usado fora pela janela. O frio do inverno, abaixo de zero à noite, cortava pelas janelas quebradas das duas celas. Quase em vão, John enfiou toalhas nas brechas. Os percevejos o mordiam durante sete dias de solitária, sem pátio, que foi forçado a suportar. Não sabia que logo seriam catorze dias. Teve sorte de ter um palito para enfiar nos buracos das paredes do banheiro que fazia a pia pingar e a “ducha” sair, que John recolhia em uma tigela e derramava sobre as fezes do vaso. A enfermeira Cristina inventariou seus medicamentos ao chegar e deu-lhe uma quantidade; o resto seria fornecido conforme necessário. Não estava claro se Pamela ou alguém poderia trazer medicamentos comprados em farmácia. Cristina tinha unhas pintadas e rosto bonito, e os dois pacos notaram que ela se interessara pelo Gringo, elogiando sua beleza. Um a chamou de “MILF” (em inglês). John respondeu: “Reconheço que ela é bonita, magra, mas com curvas, porém sou cristão evangélico e meus olhos são só de Pamela, minha esposa.” Pode ter havido química natural e ela o tratou bem, mesmo que a balança que o pesou em 132 quilos claramente estivesse quebrada, pois esse era o peso dele em 2019 ao chegar à prisão. De fato, ele perdera muito peso (e dois furos no cinto) desde então. John foi ver o médico Franco, supostamente venezuelano, que conferiu seus remédios e receita anterior, observando que seria preciso fazer exames completos e algo especial para entregar remédios comprados em farmácia. Ao medir sua pressão em 128/82, registrou o mesmo esquema farmacêutico anterior. Também examinou a área vermelha do cóccix e nádega esquerda, inchada e sensível, e enfaixou um dedo ferido. John tinha caído com força nos degraus molhados do módulo indo para lá, causando tanta dor nos glúteos, costas e pescoço que chorou de dor por alguns minutos. O médico disse que enviaria analgésicos para a cela, ibuprofeno (o rótulo dizia Tylenol), que chegou às 16:35.

Na cela, John examinou o sprinkler anti-incêndio no teto, achando que aguentaria uma corda improvisada para suicídio, e refletiu sobre o cordão do correio feito de trapos, que, segundo o mozo, seria usado para enviar e receber coisas pela janela da cela no terceiro andar. Para se concentrar, John leu trechos dos Salmos 23, 55, 142 e 146 em voz alta por uma fresta. O pátio estava quase vazio e só um machucado fez piada sobre John após perguntar porque ele estava preso. Um paco comentou a colegas que John tinha estado preso em Valparaíso e foi transferido a Rancagua após ter escrito um livro entregando vários pacos. John perguntou se ele sabia ler e ofereceu o livro para que encontrassem os trechos “ofensivos”, calando temporariamente o guarda confuso. Fez a mesma oferta ao Suboficial González, que o trouxe de volta à cela—John colocou o livro nas mãos dele. González tinha lido a decisão judicial sobre a transferência de John, que trazia no bolso. González não se interessou pelo livro. O mozo prometeu água com gás no dia seguinte, quando o “Econo-Mat” passasse. Dois pacos disseram que encomendas poderiam ser entregues a John pós-quarentena, até por pessoas não vacinadas sem Passe de Mobilidade, e que Pamela talvez conseguiria uma visita especial de 15 minutos na administração. Cristina disse que seriam aceitos visitantes não vacinados, mas depois os pacos discordaram. De qualquer forma, seria difícil mandar dinheiro e, ao

contrário do 118 e 109, não havia quiosque diário. John revirou a embalagem do rancho, tipo marmiteix chinês, e achou cinco pedacinhos de carne entre repolho cru e cenoura. Comeu, apesar do risco, jogando a maior parte dos vegetais ruins pela janela. Por sorte, ainda tinha presunto, queijo, tortillas e molhos trazidos do 109.

O setor Rancagua do inferno terreno, a 215 km a sudeste de Reñaca e 830 km ao norte de Osorno (onde morava Jana), lembrava constantemente porque às vezes é melhor estar morto do que vivo. Certos aspectos das celas de quarentena Covid-19 eram melhores que o 109, mas quase tudo era pior. Não havia passa-prato na porta, e o ar gelado invadia a cela imunda, destruída por machucados que achavam que danificariam a gendarmaria quebrando água, luz e energia, sem saber que a cadeia era concessão privada e isso não afetava os guardas. Para suportar, John tentava imaginar que acampava nas montanhas no fim do outono. Mas não funcionava bem. O problema era não conseguir ver as estrelas. Alguém escreveu “Deus é amor” acima da cama de cimento, que mal era comprida o suficiente para dormir decente. Havia uma escrivaninha e duas prateleiras de concreto à direita, embaixo da janela. Não havia nada de metal na cela, diferente de Valparaíso. John só conseguia ver seu próprio hálito até o meio-dia—um contraste marcante com os escritórios e a enfermaria aquecidos do staff. Sua cela era para um, embora González dissesse que em outros módulos eram duplas. O segundo andar do módulo 45 também tinha celas duplas. John mal lia o relógio à luz do corredor, tendo que esperar o amanhecer para ler, escrever ou fazer tarefas. Sabendo que a água usada para chá ou café pela manhã era fervida, esperava horas para esfriar antes de beber. Calculou que o preso recebia entre 700 e 1.000 calorias por dia—bem menos do que escravos negros recebiam nos EUA antes da guerra (3.500) e próximo dos presos de Auschwitz ou Dachau.

A comida e água que o mozo conseguia duas vezes por semana eram caras. John gastou 20.000 pesos (US\$ 21) por quatro garrafas de 1,6L de água com gás, oito bombons, quatro pacotes de biscoitos recheados e duas barrinhas de coco. O mozo descontou sua “taxa”—um maço de cigarros (4.000 pesos/US\$ 5) e outro pacote de bolachas depois por fora. Ele prendia uma sacola de compras ao cordão que John puxava pela janela. A mesma água custa 800 no mercado, 1.000 no quiosque de Valparaíso e 4.000 em Rancagua. John precisava de encomenda urgente; não sabia se conseguiria racionar a água por seis dias. Um mozo ofereceu alugar o telefone por 20.000 por dia (400.000 custava um, o dobro ou triplo do preço em Valparaíso). John gastou 3.800 no público—guardas e mozos deram 800, mal deu dez minutos. Perdeu 500 tentando ligar para Pamela, que não atendeu. Jana, a quem ligou após Valentín, disse que Pamela ficou tão triste que não conseguiu falar. Todos sabiam que juízes de esquerda mandaram John a uma das piores prisões do país depois da trapalhada (senão burrice) do advogado Morales ao tentar levá-lo a Casablanca. O juiz aproveitou a chance, convencido por Morales de que John estava em perigo por seu livro (o que não era verdade), para puni-lo num inferno ainda pior. John sabia que a atitude correta seria atacar o sistema. María, Pamela, Jana e Alejandro 4 sugeriam silêncio, o que só piorou sua situação. O volume um de *Bearing the Cross* (espanhol) deveria estar nas livrarias, circulando amplamente enquanto John falava sobre abusos, tentando negociar sua saída. “É minha melhor chance agora”, pensou, “mas quem me ama recusa agir—tornando-me mais miserável—e não aceita a mão soberana de Deus agindo.” John rapidamente contou a Valentín e Jana, que levariam encomenda de Osorno em uma semana, que precisava de dinheiro, pasta de amendoim, carnes embaladas e queijos, e muitos líquidos, urgentemente. Também precisava entregar cópias de diplomas para qualificar-se à conduta “muito boa”—sua terceira—necessária para a condicional. González contou que o conselho técnico se reúne a cada dois meses, o próximo no início de setembro. Para os benefícios, John deveria pedir estando num módulo normal em julho. Pamela ou advogado tinha de ir toda semana a Santiago pedir ao Ministério da Justiça e ao consulado italiano que John fosse transferido à Itália—mais urgente do que nunca. Da cela, quase nada podia fazer, mas entregou três escritos ao chefe do módulo: (1) receber os 130 mil confiscados em quatro parcelas em seis semanas, (2) permitir visita conjugal e breve mensal para Pamela não vacinada, (3) deixar entrarem três cadeiras plásticas. Pediu a Valentín trocar a senha do Gmail de novo; seu apoio fiel emocionava John. Informou a ele e a Jana sobre as durezas bárbaras, que González confirmou, e Valentín o animou dizendo que tinha falado com María e Pamela, acrescentando que John era amado e não esquecido. John chorou pensando em como Deus agia na vida de outros. Ele e Pamela precisavam de contribuições como nunca. Jana falou com González na administrativa da cela para saber como ajudar seu pastor. John tinha certeza que Valentín e María fariam igual, esperando que amigos nos EUA, Hong Kong, Nova Zelândia, Dubai e Chile logo enviassem recursos. Salvar John ficaria mais caro do que nunca. Ao escurecer, John comeu meia xícara de flan, provou e jogou fora as beterrabas, e viu o prato principal: arroz grudento, quatro pedacinhos de cenoura e dois pequenos pedaços de frango. Maionese ajudou a engolir o arroz. Comeu um biscoito recheado. Racionou três doces, três fatias de queijo, uma tortilla e um litro d’água por dia nos próximos cinco dias. O café-da-manhã não veio no dia 22, reduzindo pela metade bebidas e pão. Um banho frio lavou rosto, cabelos, axilas e genitais. Os gendarmes o

levaram à enfermeira para fazer PCR, que John cortêsmente recusou. A guarda disse que não sairia da quarentena e solitária até fazê-lo. Em vão, John explicou os riscos das nanopartículas de cotonete, que acabara de dar um forte sangramento ao ladrão Rodrigo 4 (30, “RoRo 4”, não confundir com homônimo de Valparaíso dos volumes XI e XII). “Se quiserem seguir me perseguindo, tudo bem”, disse John. Outro guarda prometeu perguntar ao chefe e, mesmo assim, liberou John, RoRo 4 e outros para vinte minutos de pátio. RoRo 4 depois deixou John usar seu celular, levando pelo correio, pois sua cela era logo abaixo de John. Ao trancar John, González disse que tinha visto o clipe musical de La Firme e gostado. Depois de cantar muitos hinos e orar no pátio, John pensou em como seus advogados Guillermo Améstica, Fabiola Garcia e Gonzalo Morales tinham sido ingênuos ao crer na visão utópica do Estado, esperando justiça de juízes injustos—especialmente da esquerda dura. Se não fosse pelo Senhor soberano e amigos fiéis, sua situação seria sem esperança.

John tentou outro escrito explicando por que não queria o PCR, citando motivos científicos e religiosos. Aprovaram se mostrasse o comprovante de recuperação da Covid-19 em julho de 2020 junto com o novo escrito. Os dois escritos de visita e devolução de fundos voltaram sem assinatura dizendo que precisariam ser feitos de novo depois de ir para novo módulo em cinco dias. Disse a González que corria risco de ficar sem água e precisava de dinheiro; veriam na segunda. Chegaram lentilhas com repolho e farinha com pedaços de carne, que devorou e então vomitou sem motivo claro. No dia 22 estava faminto e sedento, mas ainda possuía um pouco de pasta de amendoim e geléia para sanduíche e talvez mais alguns, além de tortilla com queijo e molho. O mozo disse que não havia micro-ondas em Rancagua; logo, John não poderia cozinhar as salsichas lacradas que havia levado. RoRo 4 depois passou o telefone, que John levantou pelo correio. Usou WhatsApp para mandar fotos de duas páginas manuscritas de *Bearing the Cross*, volume seis, a Pamela, Valentín, Bob, David, Joe e Alejandro Rogers, conseguindo falar brevemente com Pamela. As imagens ficaram borradas pela má qualidade do celular, e o sinal e conexão eram péssimos. Pamela avisou que, ao ver a notificação judicial do 109 no dia 18, algum superior de Valparaíso mandou John a Rancagua—não um juiz de esquerda—e que Gonzalo Morales iria tentar trazê-lo de volta a Casablanca ou Limache. Os pacos pareciam simpáticos com John, mas não o bastante a ponto de oferecer favores extra—além de moedas pro telefone e cumprimentos; nada de comida, ajuda com dinheiro ou água extra. O escândalo por recusar o PCR talvez tenha os impressionado, mas não exporia seus empregos pelo Gringo. Enquanto isso, John ainda sofria com o fundo e costas doloridos, ouvindo tambores indígenas e cantos na Ruta 5 e o gorgolejar ininterrupto da pia. No café da manhã, pão redondo com margarina e um litro de chá com leite em pó sobem pelo correio até o mozo no pátio. Uma hora depois, o almoço igual. Quando sem carne, só arroz grudado, milho e cenoura, uma fatia de beterraba e meia xícara de gelatina vermelha. John só conseguiu comer metade do arroz e mandou a beterraba pra RoRo 4, que depois mandaria o telefone. Precisava lembrar Pamela de avisar o advogado Morales que a prisão de Limache era má escolha, pois Rigoberto Castro, vilão principal do volume um de *Bearing the Cross*, estava lá. Enquanto entediado, John passava seus dias de isolamento total rezando, cantando, lendo, estudando italiano e escrevendo, refletindo sobre sua inutilidade. Não havia como pregar ou ministrar ali.

Conseguiu enviar fotos de algumas páginas manuscritas de *Bearing the Cross* para Bob e o filho, para converter (voz pra texto), assim Pamela, Jana e Valentín poderiam jogar no Google Tradutor. Mas o LG de RoRo 4 era tão velho e quebrado que as imagens ficaram borradas. Sem notar quanto doía no pai, David mandou mensagem dizendo que demorou 15 minutos para decifrar meia página e exigiria mais de uma hora; não estava disposto a isso. John queria desesperadamente que filhos e amigos soubessem de sua situação e ajudassem se pudessem, mas David, seu “filho dourado” (como dizia Pamela), agiu como se não ligasse, incapaz de aliviar o pai, nem por uma hora. David fez 33 anos há poucos dias, mas John não pôde mandar a saudação fiel; o mesmo com Matthew, que completou 28, mas nunca respondeu. Foi a última coisa que John soube antes de RoRo 4 desaparecer—junto com o celular—no pavilhão geral. Com a quarentena encerrada, Bob tentaria decifrar tudo.

Pamela, obstinada ao ver John sofrendo e as fotos da cela miserável, resolveu lembrá-lo de que estava lá por suas próprias decisões e escolhas. “São elas que te trouxeram até aqui”, disse ela, cética. John respondeu que Deus permitia o sofrimento por um motivo, Isaías 45:7, e que fazer o certo nunca é a decisão errada, mesmo com consequências. Ele também tinha falhas, mas estava sob os cuidados da Providência, assim como Pamela. O ladrão RoRo 4 implorou a John alimentos e um pouquinho de dinheiro para o filho bebê. Pamela repassou 10.000 pesos para a mulher de RoRo 4, mas John só quis descer restinhos de arroz que teria jogado fora em outra situação (provavelmente causadores de sua diarreia no dia 24), em vez de parte de sua ração limitada. John também estava faminto. Pensando economicamente, percebia que vivia onde até lixo tinha valor: preço negativo virava positivo na solitária. Entristecia saber que David não parecia se importar, mas o desculpava por Anthia, esposa, estar prestes a dar à luz no dia 26 (Adelaide nasceu no

dia 4). O café da manhã do Dia do Senhor, recebido por cordão do pátio, era meio litro de chá com leite em pó e pão redondo com mortadela. John sentia-se meio culpado ao melhorar o sanduíche com queijo, maionese, barbecue e orégano enquanto RoRo 4 comia puro. Simpatizava com o vizinho, mas comia relativamente bem, lamentando ter sido egoísta e não ter mostrado o amor de Cristo ao irmão da cela de baixo. O almoço veio sem carne mais uma vez, exceto por um pedaço de ouriço ou marisco com abóbora. Com um pouco de molho de queijo, usado para burritos, John devorou macarrão com molho branco na bandeja de alumínio, junto com meia xícara de flan. Antes de ler e estudar italiano, preparou sanduíche de pasta de amendoim e geléia para as 22h e uma tortilla com queijo, molho e orégano para as 17h. Deixou uma barra de chocolate para a meia-noite, talvez atingindo 2.000 calorias naquele dia. Então, de surpresa, veio uma segunda refeição: copos de gelatina e beterraba frias com purê de batatas, vinte e três ervilhas e pedacinhos de cebola e cenoura, além de algo parecido com esponja do mar. John comeu o purê, as ervilhas, um pedaço de cenoura e gelatina.